

[ENTREVISTADOR] Silêncio no set. [fala simultânea] Boa tarde, o meu nome é Livia e eu sou aqui da escola Poeta Otacílio Colares e eu queria fazer uma entrevista com a senhora que seria, no caso, o projeto é o patrimônio para todos. E eu vou fazer uma entrevista com a senhora com algumas perguntas e espero que você se sinta confortável para responder.

[MARIA] Com certeza. Obrigada pelo convite.

[ENTREVISTADOR] Nada. Então, eu queria perguntar quem é a Nicole?

[MARIA] A Nicole, ela nasceu no dia 12 do sete, em Santa Catarina, na cidade de São Bento do Sul. Nesse dia estava uma geada muito grande. E com cinco meses de idade, a Nicole foi diagnosticada com glicogenose tipo 1, popularmente conhecida como roxinho de boneca. É uma hepatomegalia. Devido a esse problema no fígado dela, que era maior sete vezes do tamanho que era para ser. Normal de ser do ser humano, o fígado dela. Devido a ele ser muito grande, ela não tinha espaço para o pulmão inflar para trocar o CO2 por oxigênio. Então, devido a isso, ela evoluiu para uma hipertensão pulmonar severa. No caso, ela só vivia em função de medicamentos. Mas nada parava ela. Inclusive, ela gostava muito do Legião Urbana, principalmente daquela música que diz que temos nosso próprio tempo. Inclusive, uma guitarra que eu coloquei, vou colocar na lápide, e foi colocada aqui também na homenagem a ela. Que nunca deixe que diga que não vale a pena acreditar nos sonhos que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém. E isso era a motivação da vida dela.

[ENTREVISTADOR] Então, como você se sente ao saber que a memória dela é guardada ou lembrada pelos alunos e funcionários da escola?

[MARIA] Eu me sinto assim... Só um minuto.

[MARIA] Eu me sinto muito feliz de saber que a vinda dela aqui na Terra serviu e vai servir para edificar o futuro de outros jovens. Porque muitas pessoas às vezes dizem assim, eu estou com cólica, eu não posso ir na escola, estou resfriada, não posso ir. Ela mesmo com a medicação na veia, medicação pesada nos hospitais que ela fazia tratamento, que era em três hospitais aqui em Fortaleza e fazia no ICOR em São Paulo. Nada parava ela. Ela ligava e dizia, Silvinha, por favor, me manda a matéria de hoje, isso com medicação pesada na via internada. E a Silvinha dizia, menina, pelo amor de Deus, se cuida, depois você vem e esquece.

Ela, não, Silvinha, eu não vou esquecer, porque depois que eu passo do portão da escola para cá, eu sou a Nicole, eu esqueço todos os meus problemas lá fora.

[ENTREVISTADOR] E o que você acha que a história da Nicole deixa para a juventude do Ancuri aqui do bairro?

[MARIA] que não importa a sua classe social, não importa de onde você vem, não importa as suas condições financeiras, não importa exemplos negativos que você tem na sua família, que só quem pode parar o sonho de vocês é vocês mesmos. Ninguém pode parar. Ninguém pode parar um jovem que pensa em evoluir na vida, a não ser ele mesmo se sabotar. Nem doença, nada pode parar, só a morte, como foi o caso dela.

[ENTREVISTADOR] Você quer relatar um pouco mais sobre a história dela?

[MARIA] Quando ela viu que ela tinha passado na UFC, que era o sonho dela, 11h30 da noite ela estava ligando para as colegas, para as amigas dela, do Otacílio, ligando para a Silvinha, para informar que ela tinha passado, que era o sonho dela. E eu achava que ela nunca ia querer essa área da saúde, porque desde 5 meses que ela vivia dentro de um hospital. Então, eu achei assim, na minha concepção, eu achei que ela nunca ia querer essa área de saúde, né? E ela estudava muito, mas não ao ponto de ficar doida. Ela estudava, tinha uns períodos que ela parava e respirava um pouco, saía de casa, né? Às vezes eu chamava ela de, olha, vamos pro shopping, vamos pegar o ar-condicionado de graça do shopping. Ela dizia, mãe, a senhora é uma péssima influência pra mim. Deixa eu me formar, mãe, que a senhora só vai viver, eu e a senhora só vamos viver batendo perna, no meio do mundo. Então, assim, apesar de todo o sofrimento que ela tinha, ela tinha muito sangramento nasal, devido que o sangue, quando ia trocar os gases, não conseguia trocar e botava para fora. Muitas e muitas vezes eu vinha buscar ela, ela vinha a pé, nós saíamos de casa, porque eu moro do outro lado aqui da escola, mas devido a ela andar bem devagarzinho, eu saía de casa às seis e dez, com ela bem devagarzinho para poder chegar aqui, que ela não podia forçar o passo dela. Porque senão ela já desmaiava, já ficava sianótica, que é dedo, boca roxa. Então tinha que ser tudo no ritmozinho dela. E mesmo assim ela nunca desistiu dos estudos dela, nunca desistiu de sonhar e chegar ao objetivo que ela queria. Mesmo com a alimentação toda diferente, eu trazia a alimentação dela. Medicamento também, tudo eu trazia aqui para a escola. Às vezes eu ia para a

escola e ficava esperando, ela dizia, ai meu Deus, ela está tão mal hoje, ela está com tanta falta de ar hoje, mas eu vou ficar aqui esperando ver se vai ter alguma reação, se ela vai se sentir mal. E muitas vezes acontecia, outras vezes não acontecia. Então assim, em todos os lugares, poucas pessoas sabem o meu nome. Eu sou a mãe da Nicole, orgulhosamente a mãe da Nicole, tanto na UFC. também sou convidada para muitos eventos lá, muitas homenagens, como nos hospitais, que eu continuo mantendo o ciclo de amizade, ajudando quando eu posso, outras crianças, que esse era o propósito dela, de ajudar pessoas que tinham o mesmo problema que ela, ou parecido. Ela sempre dizia para mim, quando ela tinha 8 anos, uns 8 anos, mas eu achava que isso era coisa de criança, sonho de criança, ela dizia, mãe, eu vou estudar, Eu vou passar em medicina e vou me especializar em cardiopatia congênita, que eu quero ajudar outras crianças que têm o mesmo problema que eu. Só quem pôde parar ela foi a morte, porque até então ela não ia parar. Às vezes a médica lá, a diretora do Hospital do Coração, que é a doutora Clébia, Ela dizia, mas Nicole, como é que você vai socorrer alguém, Nicole, com essa falta de ar? Ah, doutora Cleber, isso não é problema não. Desfibrilador no paciente, agora em mim. Um pouquinho de oxigênio no paciente, agora em mim. E assim nós vamos chegando aonde é para chegar, doutora Cleber. Então essa era a Nicole. A palavra desistir não estava no script dela, jamais.

[ENTREVISTADOR] Então, para finalizar, queria te perguntar o que você achou da homenagem que tem no auditório?

[MARIA] A homenagem da Nicole, para mim, é um lugar que, quando eu estou com saudade dela, eu venho, às vezes vocês veem flores ali, é... Trago flores no dia do aniversário, trago flores em datas comemorativas. É um refúgio para mim também, porque eu sei que aqui era o lugar dela. Aqui ela se sentia ela mesma, aqui era ela. Aqui não tinha a coitadinha, como ela dizia, mãe, lá ninguém me trata como uma coitadinha. Eu sou eu, mãe. Eu sou a Nicole. Lá, quando eu sou, eu brinco, eu estudo, eu falo com os outros alunos, eu procuro me entender, os alunos também me entendem. Lá não tem esse negócio de divisão. Ah, é a coitadinha da Nicole, vamos cuidar dela. Não, mãe, eu sou tratada igual para igual.

[ENTREVISTADOR] [fala simultânea] Então, eu espero que você tenha gostado da entrevista, por essas perguntas, e a história da Nicole é muito bonita mesmo.

[MARIA] Obrigada, viu, gente? Obrigada por ter entendido.